

Estudo Dirigido do Livro Nos Domínios da Mediunidade

Centro Virtual de Divulgação e Ensino do Espiritismo

<http://www.cvdee.org.br/>

Cap.9 – Possessão

1) Todo aquele que sofre uma possessão é um médium?

Em sentido amplo, todos somos médiuns, pois, como definiu Kardec no Livro dos Médiuns, "todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium". Esta, portanto, é uma faculdade inerente ao ser humano, pelo que, pode-se dizer, todos são, mais ou menos, médiuns. Há pessoas, no entanto, em que esta faculdade se mostra bem caracterizada e se manifesta de forma mais intensa, produzindo efeitos mais claramente identificados. São estes que usualmente se denominam médiuns.

A possessão, como uma influência espiritual negativa mais grave que a obsessão, manifesta-se quando duas mentes em desequilíbrio se imantam pela força do ódio recíproco e passam a atuar como se fossem uma só. O transe mediúnico, quando isto acontece, está caracterizado, como esclarece a André Luiz o instrutor Áulus.

2) Qualquer encarnado pode sofrer uma possessão?

Assim como ocorre nos casos de obsessão, qualquer encarnado, desde que permita os vínculos de sintonia que o liguem ao espírito possessor, pode ser vítima de uma possessão.

3) Por que a magnetização do encarnado em tratamento auxilia o possessor?

Conforme explicou o instrutor Áulus, "salutares e renovadores pensamentos assimilados pela dupla de sofredores em foco expressam melhoria e recuperação para ambos, porque, na imantação recíproca em que se veem, as idéias de um reagem sobre o outro, determinando alterações radicais." Assim, a atuação magnética aplicada ao encarnado aproveita ao possuidor, operando em ambos os seus efeitos.

4) Toda mediunidade se aflora sempre para o trabalho?

"Aparelhos mediúnicos valiosos naturalmente não se improvisam", explicou Áulus. A mediunidade é resultado de uma construção do espírito imortal ao longo de sua existência, com esforço e sacrifício. Vindo à carne, o espírito dotado dessa faculdade tem o livre-arbítrio para decidir o rumo que a ela dará. Uns a utilizam para satisfazer seu orgulho, sua vaidade ou, até mesmo, suas necessidades materiais. Outros, mais moralizados, empregam-na no trabalho em favor do bem e do próximo necessitado. É a chamada "mediunidade com Jesus". Para tanto, o médium deve se encontrar livre de qualquer vínculo de compromisso com débitos adquiridos no passado.

5) Como devemos trabalhar a obsessão e a possessão em médiuns?

Tratando do tema em "A Gênese", Allan Kardec recomenda que os casos de obsessão devem ser tratados mediante a substituição do fluido pernicioso, oriundo do obsessor, com que se acha impregnada a vítima, por fluido sadio, que repelirá o fluido malsão, substituindo-o. É uma ação idêntica à utilizada pelos médiuns curadores. Além dessa ação magnetizadora, Kardec recomenda, também, que se atue sobre o obsessor através da doutrinação, feita com firmeza e autoridade moral, buscando convencê-lo a renunciar aos seus maus desígnios.

No caso de possessão, o trabalho deve ser no mesmo sentido, acrescido, em ambas as hipóteses, da transformação moral da vítima e do recurso da prece, que ajudará a ambos: ao obsessor ou possessor, a compreender a necessidade de abandonar seus objetivos maléficos; ao obsediado ou possuído, a proceder a sua reforma íntima.

Cap.10 – Sonambulismo Torturado

1. Que tipo de obsessão se verifica no capítulo em estudo? Explique.

No capítulo anterior, estudamos um caso de possessão. Nele, o espírito possessor tomou o corpo do possuído, fazendo-o perder a capacidade de exercer qualquer domínio sobre ele. Esta é a característica da possessão, fenômeno obsessivo em que o espírito dominante como que substitui o encarnado, passando a se utilizar de corpo como se fosse seu, como explica Kardec no capítulo XIV de "A Gênese". No caso presente, ao contrário, a obsidiada não se afastou de seu corpo físico, como esclarece o instrutor Áulus.

Ela agia por si própria, a contorcer-se em pranto convulsivo e a expressar o pensamento do obsessor. Não tendo havido o domínio do corpo físico, o que caracterizaria a possessão, podemos classificar como de subjugação o tipo de obsessão ocorrido, que consiste no domínio moral do obsidiado, controlando lhe a vontade.

2. O que fazia com que o espírito obsessor se apresentasse de forma repugnante, com os ferimentos descritos?

A forma com que o espírito se apresenta no estado de erraticidade depende de seu psiquismo. Como relata André Luiz, o espírito obsessor encontrava-se mentalmente fixado no desejo de vingança contra a filha adotiva de outrora. Sendo a lei de Deus de amor e de perdão, todas as ações e pensamentos do espírito que contrariem estas duas determinações divinas causam um desequilíbrio em seu psiquismo, que se reflete, de imediato, no corpo perispiritual. Encontrando-se impregnado de maus sentimentos, o obsessor causou um desequilíbrio em seu corpo mental, o que veio ocasionar a desorganização do seu perispírito, resultando naquela forma aterrorizante.

3. Explique a seguinte observação:

"- Poderá, todavia, recordar-se com precisão do que lhe sucede agora? - inquiri, por minha vez.

- De modo algum. Tem as células do córtex cerebral totalmente destrambelhadas pelo desventurado amigo em sofrimento.

Nos transe, em que se efetua a junção mais direta entre ela e o perseguidor dementado, cai em profunda hipnose, qual acontece à pessoa magnetizada, nas demonstrações comuns de hipnotismo, e passa, de imediato, a retratar lhe os desequilíbrios."

Como explica Áulus, quando se encontra sob a ação do obsessor, a obsidiada tem o seu cérebro por ele invadido e diversas de suas partes desestruturadas, ficando em estado de hipnose profunda e perdendo o controle da máquina cerebral. Com suas células em completo desalinho, o cérebro deixa de exercer as funções para as quais é dotado, dentre elas o registro da memória. Além disso, estando com a mente perturbada pela dominação obsessiva, sequer consegue perceber o que acontece à sua volta, não tendo como guardar os fatos na memória.

4. Se a jovem senhora não tivesse praticado o aborto, teria evitado a obsessão?

Não houvesse ocorrido o aborto, o espírito que viria se tornar obsessor seria recebido pela futura obsidiada como seu filho, atendendo programação traçada no plano espiritual, num processo de reajuste que a reencarnação propiciaria. Seria uma convivência provavelmente muito difícil entre mãe e filho, sem dúvida, devido à incompatibilidade fluídica gerada pelo homicídio praticado na anterior existência. Todavia, era uma prova necessária a ambos, principalmente para o espírito que retornava, pois seria uma oportunidade de retomar o seu equilíbrio. Frustrada a reencarnação pela atitude da jovem mulher, sua vítima de outrora se viu novamente por ela vitimada, com o que permitiu que o ódio durante tanto tempo alimentado se potencializasse, passando a obsidiá-la violentamente, como vemos na narrativa de André Luiz.

5. Se a moça obsidiada sofria a presença do obsessor desde a puberdade, como afirma o Assistente, por que somente agora ele se manifesta de forma ostensiva?

O processo obsessivo pode ter várias fases de evolução. No início, é uma influência maléfica, que perturba o obsidiado e o leva a agir de maneira diferente à que normalmente o faria, sempre no sentido de prejudicá-lo. Agravando-se a obsessão, por não tratar o obsidiado de fechar a sua porta de entrada, através de sua reformulação interior, pode chegar à situação que estamos estudando, de subjugação. Desde cedo, o assédio do obsessor se fazia sentir através dos distúrbios por que passava a mulher quando ainda contava pouca idade. O agravamento da obsessão foi motivado pelo aborto praticado, que impediu o retorno do obsessor para a nova experiência que tanto necessitava.

6. Por que Áulus afirma que a senhora em questão não poderia conseguir nova maternidade?

Naquele momento, isto não seria possível por ter a obsidiada causado desequilíbrio em seu centro genésico. Como dissemos na resposta à questão 2 acima, todas as vezes que o espírito violenta a Lei Divina, por mais íntimo que seja o ato ou o pensamento, ainda que permaneça oculto a todos, como explicou Áulus, o seu perispírito é danificado. A jovem mulher, antes de pensar em nova maternidade, terá de reparar o dano causado naquele centro de força.

7. É possível a recuperação de centros de força danificados por invigilância, durante a própria vida corporal? Explique.

Dependendo da gravidade da falta e da extensão da lesão perispiritual, é possível, mediante uma transformação interna do espírito. Para tanto, torna-se necessária a reforma íntima, com a modificação de seus valores morais e, principalmente, com a reparação do dano.